

LUIZ FELIPE /
PONDE

A FILOSOFIA DA ADÚLTERA

2ª edição

GOBOLIVROS

Da necessidade do apoio dos cretinos
O desejo pinga
A feroz infelicidade
A tragédia da liberdade
O desinteresse pelas mulheres
Do falso desprendimento
Elogios
Uma mulher interessante
Razão e santidade
Sem capacidade para o espanto
De quatro
As moscas
Opinião pública
A humilhação dos dias úteis
Imortal hábito feminino
Amor obsoleto
Fome de mentira
Perdão no meio da rua
Homem com menos de dezoito anos
Ideologia de bolso
Vaidade
Patologia do mistério
A dor do bem
Elegância
O poder da brotoeja
A canalhice dos intelectuais
A filosofia da minissaia
A mulher quer um nada como marido

Por que o idiota da objetividade é idiota?

O supérfluo

O profeta

O rubor feminino

O problema é a opção

Gilberto Freyre e a resistência aos idiotas

Gente brega que acha que é fina

“Não quero ser bonita”

No pé da mesa

A lama de cada um de nós

Ódio ao amor

Piolhos e lêndeas

A dor é monótona

É preciso ser leal?

Liberdade

O crioulo da Grapette

O inferno – o fim

Sobre o autor

Créditos

Para todos os infelizes do mundo.

*Para mim, há uma nítida relação
entre a adúltera e o suicida.
Aquele que trai e aquele que se mata estão fazendo
um julgamento do mundo.*

Nelson Rodrigues, em *A menina sem estrela*.

Prefácio à segunda edição

A adúltera é um arquétipo eterno como a Bíblia. Este livro, publicado em 2013, continua atual porque o pecado, a culpa, o desejo, que encarnam na mulher que abre as pernas para um homem, que não é seu marido e pai dos seus filhos, e engole seu esperma com um prazer que nunca engoliu o do seu marido, permanecem como arquétipo do mal feminino, maior do que a prostituta, porque esta não tem dono e não cospe sob a janta da família o gosto de sua boca, objeto sexual de seu amante.

Este livro segue de perto as intuições de Nelson Rodrigues sobre essa “filha da desgraça”, irmã da prostituta. Por sua vez, Nelson segue de perto a grande matriz bíblica que opera uma inversão na noção de virtude e pecado, não só na mulher, como no homem. Sendo a mulher, para o homem que gosta de mulheres, um objeto prioritariamente feito para o sexo, seu grande pecado será sempre dessa ordem.

A tradição bíblica suspeita de quem se acha portador de virtudes. Os exemplos dessa inversão atravessam tanto o Novo quanto o Velho Testamento. De Jacó a Raquel, de David a Betsabá, de Jesus e “sua” adúltera. Essa inversão faz eco a uma

das mais antigas máximas acerca das virtudes: elas são tímidas e nunca falam de si mesmas porque nunca têm certeza de sua própria condição. Por isso, repito, com Nelson: que a adúltera reze por nós.

Hoje, o marketing da ética nunca esteve tão barulhento. Nunca foi tão importante lembrar que só os pecadores (e neuróticos) verão a Deus. Nunca aqueles que carregam em si um coração que não sofra com o desassossego da culpa. Para aqueles que me perguntam com frequência se eu preferiria morrer de tristeza ou de culpa, confesso que preferiria morrer de culpa. Nelson era o moralista, na mais profunda tradição filosófica de matriz hebraica: sempre olhando fundo nos olhos vidrados de dor moral.

Luiz F. Pondé
São Paulo, agosto de 2019

Que a adúltera reze por nós

Este livro é escrito sob o espírito da adúltera. A mulher que representa a condição humana como escrava do desejo. Que experimenta o tédio miserável da carne. Que conhece a tristeza da cobiça. Que sente o peso do abandono e da mentira social. Que peca como respira. Que é bela como uma miserável. Que realiza a vocação mais antiga da mulher. Que reconhece o quanto se perde em si mesma e como é autodestrutiva. Mas que, ainda assim, não consegue deixar de abrir as pernas para o homem que não é seu marido, que chupa seu sexo engolindo o desejo líquido que brota dele, traindo a confiança de seu marido infeliz e de seus filhos, e que assim se faz representante de toda a humanidade em sua miséria. Deus ama a adúltera e pede a ela que reze por nós. Nelson sabia disso muito bem.

Eis o que quero dizer: vou me repetir, mas, sem minhas repetições, sou um nada. Claro que estou citando Nelson. Este livro é um misto de filosofia e jornalismo, e jornalismo é muitas vezes redundância, porque se sabe que o leitor é sempre um coitado, como todos nós, um efêmero. E a filosofia

é a arte de tornar a vida um espanto. E o espanto precisa sempre se repetir para fazer efeito.

E mais: volto à adúltera. Não existe mulher mais desgraçada.

Abertura

Não há dúvida de que há algo de memorialista em Nelson. Textos memorialistas se formam como pedaços. Assim como Proust e sua *Madeleine*, Nelson lembra que o gosto ardido da pitanga e o amargor do caju foram suas primeiras relações com o universo, não rostos nem sons. Segundo ele, essa foi sua primeira experiência do “mundo nascendo”. Desse modo, podemos perceber que a apreciação estética – como se diz elegantemente em filosofia –, ou seja, olhar o mundo pela ótica da sensação, e não da ideia, é seu método de conhecimento. A sensação dá unidade ao pensamento, e não o contrário.

Autores assim são viscerais e céticos com relação à autonomia do pensamento em relação ao corpo. A eternidade do corpo é ser ele um limite intransponível. Dizia Nelson que começou a existir ali, no gosto que arde e amarga.

Uma filosofia selvagem

Lembro-me de um filme que vi há muito anos, um filme francês no qual o personagem principal, um perfumista, foge de sua vida em Paris. Ele é um gênio em perfumes e sua mulher, uma chata, cuida da parte comercial. Ele vai para a América Latina e se torna feirante. Resolve romper o ciclo de desgostos de uma vida que não era a que ele queria viver.

Romper uma vida de desgostos talvez seja o maior dos sonhos, claro, para quem não morre de fome. Nosso selvagem dá sorte e ganha a Catherine Deneuve como nova mulher. Maravilhas do cinema.

O que me marcou naquele filme foi a coragem do protagonista de abandonar uma vida que detestava. Acho que esse é um desafio para qualquer um que queira ter uma vida menos idiota. Para tal, é necessário olhar a vida como ela é ao invés de se enganar e enganar os outros. O nome desse filme é *O selvagem*.

Outra referência na filosofia que me marcou sobre o significado de ser selvagem foi o personagem “o Selvagem” do grande romance *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. O personagem irrompe no admirável mundo científico da

felicidade programada. Sua trajetória, infeliz, é aquela da tragédia da liberdade num mundo obcecado pelo progresso científico da vida feliz: é destruído. Este é o mundo em que vivemos: povoado por idiotas que comandam o mundo sob a tutela de sua obsessão pela felicidade científica calculando suas calorias.

Adiciono Nelson Rodrigues, um filósofo selvagem, a esses dois selvagens para compor minha filosofia selvagem. Só uma filosofia selvagem se dá ao luxo de dizer a vida como ela é.

O método

Este livro foi escrito sem um método, sem nenhuma intenção que não seja pensar livremente a partir de Nelson Rodrigues. Aliás, como deveria ser a filosofia real, e não esse cadáver formal que oferecemos ao mundo.

Uma filosofia selvagem tem a competência da filosofia acadêmica, sem seu medo. Descartes, filósofo francês do século XVII, dizia que método é uma confissão de humildade. Eu desisti do método por preguiça. E porque conheci muitos canalhas metódicos. Estranhamente, isso me libertou. Sou vítima de muitas manias, mas essa perdi: ter um método.

Talvez eu esteja envelhecendo. Espero fazê-lo bem. No mundo da tecnologia e do sexo fácil, talvez este seja um dos maiores desafios: envelhecer em paz, perder tudo, começando pelo corpo e pela alma. Filosofar é aprender a morrer, diziam os estoicos, e eles tinham razão: enquanto não perdemos o medo de perder tudo, não começamos a viver.

Cansei de ter um método e talvez por isso o leitor, ingênuo, pense que deixei de ser filósofo. Eu penso o contrário: tornei-me filósofo quando desisti do método. Estou livre. Não quero ser entendido por ninguém. Não tenho nenhum interesse

especial pelo mundo além de nele habitar algumas das poucas pessoas que me importam e das quais necessito para viver.

Não quero salvar o mundo de coisa alguma e desconfio de quem o quer. Ao leitor apenas tenho a oferecer minha preguiça e minhas preferências. Nesse sentido, escrevo como Montaigne, para mim mesmo. Falo com meus fantasmas. Escrevo à medida que leio Nelson Rodrigues, assim como quem medita sobre a maior forma de alegria, aquela de dizer apenas o que se quer dizer. Parodiando outro gênio da literatura, Nikos Kazantzákis, não espero nada ao escrever, não desejo nada ao ser lido, sou livre. Elevo minhas meditações acima do pântano, na esperança de superar a “misericórdia da mentira”. Se o homem é um desconhecido, como dizia Nelson, escolho tornar-me cada vez mais desconhecido.

Uma última palavra sobre método: Nelson costumava dizer que, sem suas repetições, não era nada. Por isso vou me repetir à exaustão, porque sei que, sem repetição, não lembramos nada. Não me ocupo aqui do seu teatro, mas principalmente de seus ensaios diários, de sua pequena filosofia selvagem do cotidiano e de suas obsessões acerca do desejo, do pecado, dos idiotas, dos canalhas, das adúlteras, dos infelizes, ou seja, da sua anatomia da alma em prosa jornalística.

Uma filosofia do senso comum

De certa forma, tenho um método, aquele do senso comum. Parafraseando o grande livro de Luís de Gusmão, *Fetichismo do conceito* (que, por sua vez, segue de perto os conceitos do filósofo britânico Isaiah Berlin), não quero me perder na abstração de mentir sobre a realidade usando uma parafernália teórica.

Como Nelson, não acredito que, para filosofar, seja necessária uma ruptura epistemológica (termo usado por Luís de Gusmão) com a linguagem do senso comum, pelo contrário. Assim como ele dizia que em cada subúrbio carioca existiam dezenas de Annas Kariêninas e Emmas Bovarys, a vida como ela é está saturada de filosofia.

Por que Nelson Rodrigues?

Sou um ex-covarde (sou torturado pela sensação da precariedade da vida, por isso, desisti de ter medo), esta é a primeira razão para escrever este livro de meditações rodrigueanas para o dia a dia, assim como antigamente monges em desespero por seus pecados gemiam sobre livros sagrados.

Minha intenção é, antes de tudo, demolir qualquer sistema que cubra a alma humana, fazendo-a parecer o que não é. Muitas vezes, a melhor forma de falar da alma é falar do corpo, e Nelson foi um mestre na sabedoria de que o corpo é a verdadeira janela da alma.

Descobri que o medo é a principal razão de não sermos capazes de olhar para o mundo. E, lendo Nelson, encontrei um modo de meditar sobre meus pecados (não uso essa expressão, necessariamente, como conceito religioso) e deles fazer minha filosofia mais pessoal.

Ao mesmo tempo, temo que falte entre nós, apesar de excelentes livros já escritos sobre Nelson, um livro que o coloque ao lado da tradição espiritual ocidental, aquela tradição que pensa o homem como um ser sempre à beira da morte, sonhando com o amor (Nelson costumava dizer que sua

obra era sobre o amor e a morte...), buscando em meio à escuridão uma forma de ver melhor seu próprio rosto. Quando Dostoiévski dizia que “a beleza salvará o mundo”, ele queria dizer esta beleza: a beleza que só surge depois da morte da mentira. Não há nada de belo nessa demolição, mas, possivelmente, no espírito que nasce dela.

Este não é um livro sobre Nelson Rodrigues, mas um livro a partir de Nelson Rodrigues. Tomando-o como um ensaísta, na esteira do brilhante trabalho de Luís Augusto Fischer, *Inteligência com dor: Nelson Rodrigues ensaísta*, discutirei algumas das grandes intuições rodrigueanas para fazer minha filosofia muito pessoal. Aliás, como diria o céptico francês Montaigne no século XVI, o criador da forma ensaio, não me interessa fazer metafísica, mas apenas *minha* metafísica. O leitor poderá fazer uso dela, mas ele, o leitor, não me interessa, ou apenas me interessa num sentido muito específico: como parceiro. Escrevo para não me sentir só. E nesse sentido, nesse sentido específico no qual a solidão é nossa substância, minha e de meu leitor, descrevo aqui o cenário da minha filosofia rodrigueana, uma filosofia selvagem. Apenas almas que se sabem parceiras da adúltera e do suicida me importam. Às outras, desejo que fiquem mudas, em silêncio, como que diante de um santuário.

Nelson Rodrigues por várias razões. Filósofo, sociólogo, teólogo, cientista político, além de dramaturgo, jornalista e escritor de romances, Nelson merece constar na lista dos pensadores brasileiros mais originais. Mas essas são razões, digamos, “exteriores”. Mais importante do que isso, Nelson

fala do que não queremos saber acerca da alma humana, e nesse sentido ele é um moralista no sentido mais preciso.

Em filosofia, moralista significa alguém que disseca a alma. Não por acaso, Sábato Magaldi o chamou de jansenista. Jansenistas foram agostinianos franceses do século XVII, entre eles, Pascal, La Fontaine e Racine, que pensavam o ser humano como necessariamente dominado por uma natureza pecadora, diríamos hoje “uma natureza psíquica”. Vítimas da herança maldita de Adão e Eva, homens e mulheres arrastariam pelo mundo uma razão submetida a uma vontade orgulhosa, violenta e obcecada pelo sexo e poder. Desejosos de amor, mas incapazes de vivê-lo ou mesmo vê-lo. Cegos e autômatos, caminhariam pela Terra deixando um rastro de desespero e desencontro com os outros e consigo mesmos. Mesmo que você não acredite em mitos como o de Adão e Eva (na realidade, mitos não são narrativas históricas, mas atávicas), parece-me que essa hipótese tem razoável consistência empírica.

Os moralistas franceses de fato, que ganharam esse nome na fortuna crítica, além do próprio Pascal, foram gente como La Rochefoucauld e La Bruyère. Anatomistas da alma, herdeiros diretos do pessimismo agostiniano jansenista apartado da teologia do pecado original propriamente, esses filósofos da alma descreveram os efeitos do pecado sem a contrapartida de Deus (dissecadores, como diria o escritor Albert Camus, “do pecado sem Deus”) e sua misericórdia. E por isso o impacto, muitas vezes, parece pior.

Desejo é escravidão e temperamento é destino. Como diria o cético escocês David Hume no século XVIII, “*knowledge is feeling*” (conhecimento é sentimento). Com o tempo, o temperamento se transforma em caráter. Faço filosofia sobre o que está entre as pernas das mulheres porque gosto de estar entre as pernas das mulheres, e não por alguma razão histórica defensável, apesar de que, como disse acima acerca da teoria evolucionária, acho possível sustentar minha máxima “o segredo do mundo se encontra entre as pernas das mulheres” com alguma cientificidade, apesar de desprezar esse tipo de fundamentação. Minha simpatia pelo darwinismo é antes de tudo devido ao seu caráter dramático, e não científico. Ou melhor, seu caráter estético. O fato de ele ser científico, para mim, apenas aprofunda sua natureza operística.

Posso me perder imaginando uma bela mulher que pertence a outro homem, de joelhos, sendo uma amante infiel. Pedindo pelo amor de Deus para não a levar a fazer o que ela quer, mas sentindo-se culpada por querer. Talvez chore e tremas, como de costume, quando a culpa segue sua fisiologia.

A culpa e o pecado são os maiores aliados que existem do desejo, e nesse sentido Nelson está muito além da estupidez contemporânea que pensa, erroneamente, que “sexo livre” dá tesão. É da natureza feminina desejar o que “dói”. E também, como dizia Nelson, a prostituição não é a primeira profissão do mundo, mas a sua vocação mais antiga. E essa vocação é a de desejar ser objeto do homem que a possui, seu dono (mesmo que simbolicamente e por algum tempo). Mas essa vocação não significa ausência de sofrimento ou de contradição: pelo

contrário. É a contradição que a deixa tão desejável em sua incapacidade de controlar seu ímpeto de infidelidade. E se tornar uma adúltera. Essa contradição assume a forma de suor líquido, gosto, cheiro, gesto, gemidos, restos, enfim, tudo aquilo que constitui o segredo da vida entre as pernas das mulheres. E o desejo escorre pelas pernas. A adúltera revela o fracasso de toda moral porque a interdição apaixona. Tornar-se objeto, coisa que se deixa mandar.

Mas a adúltera na obra de Nelson é mais do que isso. Ela é um de seus arquétipos essenciais para representar a condição humana. Aliás, Nelson também via as mulheres como objeto intenso de desejo e reflexão. Não é por acaso que, quando Nelson fala de suicídios, homicídios e enterros, diz que, quando o morto era uma mulher, tudo era mais dramático, interessante e intenso para ele. Suspeito que uma das razões para esse fato é ser ele um heterossexual, e por isso mesmo alguém que via parte do mundo e da vida mediado pelo que há entre as pernas das mulheres.

Sexo é destino, apesar de alguns quererem brincar dizendo que não, porque querem ter o sexo do outro. Mas, ainda assim, é o sexo que é destino, neste caso, o sexo errado.

Pensar através da adúltera é, antes de tudo, uma confissão de desejo pela mulher na sua condição de filha de Eva, aquela primeira infiel.

Os ensaios deste livro foram escritos sob o signo da adúltera: são as confissões de um desgraçado que luta constantemente para não se perder no próprio desejo e em

suas inconsistências. A filosofia selvagem brota desse combate e do medo que me acompanha o tempo todo.

Por que não se abandona uma adúltera?

Em *Perdoa-me por me traíres*, o marido, que afirma que não se abandona uma adúltera, representa a clássica posição de Nelson de que sexo demais é falta de amor. A tese supõe que a mulher trai porque não é amada. Será verdade? Acho que não. Essa hipótese de Nelson fala de sua idealização do amor. Ela, a adúltera, seria vítima, e não culpada, por isso o marido pede perdão a ela por ela o ter traído, invertendo a lógica da frase.

Não há dúvida de que, para Nelson, somos seres capturados numa armadilha interior: desejamos um amor ideal, mas ele não existe. Como não existe, caímos em desgraça inevitavelmente, daí decorre tudo o mais. Uma das piores formas dessa idealização do amor é seu mal infinito: queremos sempre mais e, quanto mais queremos, mais dependentes e inseguros ficamos. Ciúmes, delírios de traição, impotência de controlar o outro. Por isso, a adúltera representa o necessário fracasso de um animal atormentado por um desejo de amor sempre impossível. O pecado moral nasce dessa vontade esmagada.

Não importa o que você fizer: quanto mais amar, menos “bem resolvido” será. Mas a indiferença apodrece. Por conta disso, sem o tormento do amor, você apodrece – por isso só os neuróticos verão a Deus. Ou nos angustiamos ou apodrecemos, dizia Nelson.

O amor só se resolve quando morre ou quando vira amizade. Esse núcleo básico, que é dramático em sentido

dramatúrgico e dramático nos sentidos filosófico e psicológico (porque descreve uma natureza humana em contínuo conflito consigo mesma, o que aproxima Nelson de Freud), inviabiliza qualquer noção de afetos corretos. Nossa era, tomada pela crença idiota na solução política e ideológica de tudo, parece não entender esta aporia – doença que ele identificou no Brasil no final dos anos 1960 e, por isso, dentre outras razões, foi chamado de reacionário. Há uma desordem afetiva no ser humano que todo mundo experimenta e, por isso, é necessário mentir, muitas vezes como ato de misericórdia. “Mintam, pelo amor de Deus”, porque a verdade é insuportável.

O autoconhecimento é uma forma de tormento. A tradição espiritual cristã é marcada pela consciência de que conhecer a si mesmo é, antes de tudo, um ato de autoimolação. Nossa fragilidade ontológica pede a mentira como modo de sociabilidade e sensibilidade pedagógica. Mas o que no plano da convivência é uma necessidade, no plano do pensamento é uma traição, por isso Nelson se dizia ex-covarde. Há que dizer a verdade, pelo menos como forma de reconhecimento de nossa miséria e abandono.

Já em sua infância, Nelson conheceu uma adúltera. Uma vizinha. Conta ele como a viu num desfile de carnaval ao lado do marido traído. Dois infelizes. O rosto dela carregava a marca do fracasso e da vergonha. Linda como uma morta. O rosto dele trazia o peso do homem que não consegue deixar de amar sua adúltera, e que também é punido por todos. Noutro relato, Nelson conta como uma jovem belíssima e recém-casada foi chamada à casa de um vizinho milionário, mais

velho, que tenta seduzi-la com um colar de pérolas. Ela recusa, ofendida, e reafirma sua fidelidade ao marido. Quando o marido chega em casa, ela conta a ele o ocorrido. Ele, pra surpresa da infeliz, condena seu ato ingênuo de fidelidade e diz a ela que não se recusa um colar de pérolas assim. As vizinhas todas concordam com ele. Ela, então, volta à casa do milionário e traz o colar de pérolas, e o joga na cara do marido, que fica paralisado. As vizinhas todas, com a certeza tranquila do bando, gritam: “cachorra, adúltera”.